

Troca ministerial: Lula exonera Paulo Pimenta

Em seu lugar, assume o publicitário Sidônio Palmeira

Por Gabriela Gallo

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) exonou, nesta terça-feira (7), o ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom), Paulo Pimenta. Ele deixará o cargo oficialmente nesta quinta-feira (9), portanto, ele ainda estará presente no evento em memória dos atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023 como chefe da pasta. No lugar de Paulo Pimenta, assumirá o publicitário e marqueteiro Sidônio Palmeira, responsável pela campanha de Lula à Presidência em 2022. Segundo Paulo Pimenta, a proposta de Lula é buscar agora um perfil mais técnico para o cargo.

“O presidente quer ter à frente da Secom uma pessoa que tenha um perfil diferente do que eu tenho. Um profissional de comunicação, uma pessoa que tenha experiência, que tenha talento, criatividade, capacidade de poder exercer essa tarefa e coordenar essa política de comunicação do governo no próximo período”, disse Pimenta em conversa com jornalistas no Palácio do Planalto.

Profissional de comunicação de longa data, Sidônio é conhecido por conduzir campanhas de diversos integrantes do PT, especialmente na Bahia – como a vitória de Jaques Wagner para o governo do estado de 2007 a 2014 e em seguida a de Rui Costa para o mesmo cargo em 2014. “Tirar alguém da classe política para colocar uma figura da iniciativa privada com experiência testada no marketing, mostra que o governo está preocupado com a comunicação”, disse



José Cruz/Agência Brasil

Pimenta sai para dar lugar a nome “mais técnico” na comunicação

ao Correio da Manhã, o coordenador de Análise Política da BMJ Consultores Associados Lucas Fernandes.

Trocas

O analista político ainda destacou que o fato de Sidônio ter sido o primeiro nas trocas ministeriais que acontecerão foi estratégico. “A reforma ministerial começa pela Secom, justamente para ter o Sidônio empossado no cargo, conhecendo a máquina pública, para conseguir capitalizar melhor na reforma ministerial que vai vir. Lula deve abrir muito espaço ao Centrão, é esperado que o PT perca um ou dois ministérios. Então, o presidente precisa de um comunicador hábil para fazer com que essas mudanças sejam bem comunicadas e não gerem ruídos com a militância”, avaliou Fernandes. Que ressaltou ainda um possível ponto de desgaste nas mudanças futuras: novas saídas de mulheres do governo.

Dentre os nomes cotados a serem substituídos na reforma ministerial estão, por exemplo, as ministras Nísia Trindade, da Saúde, e Luciana Santos, de Ciência, Tecnologia e Inovação. O analista político também avalia que, neste momento, o governo precisa de um marqueteiro experiente para “comunicar essa reforma ministerial e para tentar tirar algum capital político da entrada do Centrão, com nomes que não estão necessariamente relacionados com a ideologia de esquerda e tentar trazer o eleitor moderado”.

Popularidade

Para Lucas Fernandes, a principal missão de Sidônio será trazer uma comunicação mais assertiva que dialogue com o eleitor e, consequentemente, aumente a popularidade do presidente.

Além disso, o presidente espera que Sidônio seja mais habilidoso para conter ruídos de

comunicação entre o governo e demais atores. “Sidônio chega com essa missão de aumentar a popularidade do governo, diminuir o ruído com o mercado, com agentes econômicos e fazer com que essa reforma ministerial seja muito bem vendida tanto para a militância quanto para o eleitor moderado”, pontuou.

Sidônio participou ativamente no vídeo institucional quando o ministro da Fazenda Fernando Haddad anunciou o pacote de corte de gastos do governo. Os que são contra ele assumiram o ministério relembram a forte reação negativa do mercado financeiro com a medida.

Em contrapartida, os que são favoráveis argumentam que o vazamento de algumas informações antes de coletiva da Fazenda (um dos fatores que gerou a forte repercussão negativa no mercado) teria sido responsabilidade de Pimenta ou, pelo menos, algo que ele não teria conseguido evitar.

CORREIO BASTIDORES

POR FERNANDO MOLICA



Professora Lia Valls: China mudou o mercado

Economista: não será fácil exportar mais manufaturados

Pesquisadora associada do FGV IBRE (Instituto Brasileiro de Economia), Lia Valls afirma que será difícil que produtos industrializados voltem a se destacar na pauta de exportações brasileiras.

Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ela diz que fatores como o crescimento das importações da China contribuiu para que, nas últimas duas décadas, as

vendas brasileiras para o exterior ficassem concentradas em commodities — produtos de características mais básicas cotados em bolsas internacionais. Dados da balança comercial do ano passado revelam que as exportações do país ficaram concentradas em petróleo, soja, minério de ferro, açúcares e melações e óleos combustíveis. Todos, de baixo valor agregado.

Produtividade

Segundo ela, uma mudança no perfil das exportações dependeria de um aumento na produtividade da indústria brasileira, que tem caído nos últimos anos. “Você só exporta o que produz”, ressalta. Outro problema é o baixo índice de inovação na nossa cadeia produtiva.

Celulares

A Alemanha, frisa, exporta para a China produtos sofisticados, de alta tecnologia. O Brasil já foi um grande exportador de celulares para a Argentina, mas perdeu esse mercado. Hoje, o país vende manufaturados como aço e componentes para produtos montados fora.



Jaelson Lucas/Arquivo AEN

Produtos como a soja estão entre os mais exportados

‘É preciso cobrar resultados de incentivos fiscais’

De acordo com a economista, a reforma tributária, que prevê queda dos impostos da indústria, não será suficiente para mudar o perfil do setor. Afirma que, diferentemente da tradição brasileira, uma política industrial tem que ser focada em determinadas áreas com a devida cobrança de resultados. Não adianta

dar incentivos fiscais sem que haja um controle do retorno. Ela destaca que o agronegócio gera muita riqueza e utiliza tecnologia muito avançada, mas tem menor capacidade de gerar empregos que a indústria e o setor de serviços. “As commodities não são capazes de criar tantos empregos”, ressalta.

Inversão

Dados do Banco Central mostram que, em 2000, as vendas para a China representavam 2% das vendas brasileiras; percentual que pulou para 32% em 2020 (28% em 2024). A exportação total de produtos básicos ou semimanufaturados passou de 39% da pauta para 71%.

Bolsas 1

Bolsistas da Capes — Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, vinculada ao MEC — esperam que saia hoje o pagamento de dezembro. Os mestrandos e doutorandos esperavam que, como costuma ocorrer, a grana saísse mês passado.

Quedas

A participação de produtos industrializados nas vendas brasileiras caiu de 61% para 29%. Diminuíram também as compras dos EUA e da Argentina, tradicionais compradores de manufaturados do Brasil. Os percentuais caíram, respectivamente, de 24% para 12% e de 11% para 4%.

Bolsas 2

No X, Vinícius Soares, presidente da Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG), disse que a Capes informou não ter recebido a antecipação que permitiria o pagamento em dezembro. Disse que o dinheiro só chegou no dia 6, quando foi repassado aos bancos.

Meta derrubará programa de verificação de notícias falsas

Por Gabriela Gallo

Uma mudança no ramo da tecnologia pode trazer desafios no combate à desinformação. Nesta terça-feira (7), a empresa Meta anunciou que encerrará o seu programa de verificação de fatos. Em seu lugar, a empresa dona das redes sociais Facebook, Instagram e Whatsapp anunciou que serão adotadas as chamadas “notas de comunidade”, medida adotada pela rede social “X” (antigo twitter). Segundo o dono da Meta, o bilionário Mark Zuckerberg, a medida visa garantir a plena “liberdade de expressão” entre os usuários das redes. “É hora de voltarmos às nossas raízes: a total liberdade de expressão no Facebook e no Instagram”, ele declarou em uma publicação no Instagram nesta terça.

“Criamos muitos sistemas complexos para moderar o conteúdo. Mas o problema dos sistemas complexos é que eles cometem erros. Mesmo que eles acidentalmente censurem apenas 1% dos posts, isso representa milhões de pessoas. E chegamos a um ponto que são erros demais e censura demais”, declarou Zuckerberg.

“Desde que Trump foi eleito pela primeira vez em 2016, a mídia tradicional não parou de escrever sobre como a desinformação era uma ameaça à democracia. Tentamos, de boa-fé, abordar essas preocupações sem nos tornarmos árbitros da



Wilson Dias/Agência Brasil

Decisão tira da plataforma a responsabilidade

verdade, mas os verificadores de fatos se mostraram excessivamente tendenciosos politicamente”, completou o bilionário, referindo-se à primeira eleição de Donald Trump, que foi novamente eleito presidente dos Estados Unidos no ano passado e tomará posse no dia 20 de janeiro.

O sistema de notas de comunidade é quando usuários da própria rede social explicam ou desmentem algum assunto, podendo incluir links e imagens para exemplificá-la, e essa explicação é votada pelas outras pessoas. Zuckerberg reconheceu que com a mudança menos

“conteúdos problemáticos” serão identificados, mas também será “reduzida a remoção acidental de postagens e contas de pessoas inocentes”.

Repercussão

Apesar de ainda ter uma data oficial para as mudanças no regulamento das redes sociais administradas pela Meta para além dos Estados Unidos, o anúncio gerou repercussão entre autoridades políticas. O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, manifestou preocupação com as mudanças.

“Vimos o que aconteceu em 2018 com a democracia bra-

sileira em relação às fakenews, vimos o que aconteceu depois das eleições de 2022 dos preparativos não só de um golpe de Estado no Brasil, mas do assassinato de pessoas inclusive com o pagamento antecipado pelo resultado pretendido aos que executariam o plano. Estamos em um mundo mais complicado, não dá para negar isso”, declarou Haddad em entrevista à Globonews.

Em contrapartida, o bilionário Elon Musk, dono do X, elogiou a iniciativa de Zuckerberg. A diretora-executiva do X, Linda Yaccarino, também elogiou a decisão “A checagem de fatos e a moderação não pertencem às mãos de um grupo seleto de guardiões que podem facilmente introduzir seus vieses nas decisões”, declarou ela em suas redes sociais.

Segundo o especialista em marketing digital e idealizador do Instituto Brasileiro para a Regulamentação da Inteligência Artificial (IRIA) Marcelo Senise, “embora possa parecer uma tentativa de promover a liberdade de expressão, esta abordagem negligencia o papel crítico das plataformas”.

“A decisão de confiar na comunidade para moderar conteúdo ignora a realidade de que muitos usuários permanecem presos em suas bolhas. Neste contexto, em vez de agir como mediadoras neutras, as plataformas podem se tornar catalisadoras de desordem social”.